

Denise Pereira  
Maristela Carneiro  
(Organizadoras)

# História: Diálogos Contemporâneos 2



**Atena**  
Editora  
Ano 2019

Denise Pereira  
Maristela Carneiro  
(Organizadoras)

# História: Diálogos Contemporâneos

## 2

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Geraldo Alves  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
H673	História: diálogos contemporâneos 2 [recurso eletrônico] / Organizadoras Denise Pereira, Maristela Carneiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (História. Diálogos Contemporâneos; v. 2)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-560-0 DOI 10.22533/at.ed.600192308  1. História – Pesquisa – Brasil. I. Pereira, Denise. II. Carneiro, Maristela. III. Série.  CDD 900.7
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Dentre os conflitos mais instigantes, produtivos e controversos que se dão no espaço acadêmico, reside aquele que opõe as muralhas das especificidades dos campos disciplinares à permeabilidade dos saberes na contemporaneidade. Extremismos à parte, é certo que, justamente por suas miradas particulares, os campos de conhecimento podem crescer quando travam contato. A descoberta de termos e objetos comuns e o desconforto dos desacordos e quebras de comunicação criam uma atmosfera de efervescência, questionamento e convite ao aprendizado. O conhecimento frequentemente prospera nas interseções.

As tensões do mundo líquido no qual navegamos intensificam estes debates e tornam premente a necessidade de promover e compreender os trânsitos entre os campos e os conhecimentos que emergem nessas encruzilhadas. Criar ligações entre as ilhas é, pois, uma necessidade, haja vista que, no coração destes debates jaz o descompasso entre a disponibilidade de informações e a variedade de recursos tecnológicos, de um lado, e o basbaque e a incapacidade de articular efetivamente tamanho arsenal em favor da difusão do conhecimento e da ampliação do alcance das humanidades em nosso meio social, de outro.

Como aponta Giorgio Agamben, o presente reside nessa zona fugaz e inexistente, o não vivido dentro do vivido, sendo, portanto, um desejo de futuro que encontra sempre seu referencial em algum passado. À História, que faz o possível para medir o pulso desse grande corpo em fluxo, cabe a árdua tarefa de estudá-lo até onde permite o alcance de suas lentes, a fim de que tenha o necessário para pintar o quadro complexo e pitoresco que a realidade merece. Esse quadro é pincelado de diálogos que mesclam novas e velhas fontes, linguagens clássicas às pós-modernas, discursos estabelecidos aos controversos. E tendo esse *melting pot* como horizonte orientador, antes de desvanecer, acaba revigorada nesses entrecortado de lugares e falas, nem sempre convencionais.

Diante deste olhar na História, esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas pesquisas.

Boa leitura!

Denise Pereira  
Maristela Carneiro

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
BNCC, TRANSVERSALIDADE, MEIO AMBIENTE E ENSINO DE HISTÓRIA: ELEMENTOS PARA UM DIÁLOGO ENTRE HISTÓRIA E PEDAGOGIA	
<i>Mônica Andrade Modesto</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6001923081</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
ENSINO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS: COMO REPENSAR UMA HISTÓRIA DO CONFLITO ARMADO COLOMBIANO NUM CENÁRIO DE “PAZ”?	
<i>Ana Cecília Escobar Ramirez</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6001923082</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>26</b>
HISTÓRIA.COM: ENSINO DE HISTÓRIA, FONTES DOCUMENTAIS E HISTORIOGRAFIA	
<i>Maria Aparecida da Silva Cabral</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6001923083</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>36</b>
EXPONERE: ENTRE DESIGN, MEMÓRIA E HISTÓRIA	
<i>Fernanda Deminicis de Albuquerque</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6001923084</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>40</b>
HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA COMO EXERCÍCIO DE METATEORIA	
<i>Rogério Chaves da Silva</i>	
<i>Paulo Alberto da Silva Sales</i>	
<i>Sidney de Souza Silva</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6001923085</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>56</b>
HISTÓRIA E MEMÓRIA EM CELESTINO ALVES: UMA ANÁLISE DO LIVRO “RETOQUES DA HISTÓRIA DE CURRAIS NOVOS”	
<i>Fabiana Alves Dantas</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6001923086</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>68</b>
HARRY POTTER E POLÍTICA: PARALELISMO ENTRE O ENREDO POLÍTICO DE HARRY POTTER E AS CIÊNCIAS POLÍTICA REAIS	
<i>José Carlos Corrêa Cardoso-Junior</i>	
<i>José Antonio de Andrade</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6001923087</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>76</b>
VIOLÊNCIA E MEMÓRIA COMO MATRIZES PARA IDENTIDADES NO SÉCULO XX	
<i>Lucas de Mattos Moura Fernandes</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6001923088</b>	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>90</b>
HISTÓRIA INTELECTUAL DOS 'CARDEAIS' DA ESCOLA NOVA NO BRASIL	
<i>César Evangelista Fernandes Bressanin</i>	
<i>Milian Daniane Mendes Ivo Silva</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6001923089</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>104</b>
IMAGEM X LITERATURA: A REPRESENTAÇÃO DA IMAGEM EM OS MAIAS DE EÇA DE QUEIRÓS	
<i>Nívea Faria de Souza</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.60019230810</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>114</b>
MICRO-HISTÓRIA E NARRATIVA ORAL NO NORTE PARANAENSE	
<i>Marcia Regina de Oliveira Lupion</i>	
<i>Lucio Tadeu Mota</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.60019230811</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>124</b>
MOVIMENTO NEGRO NO RIO GRANDE DO SUL: APONTAMENTOS PARA UMA HISTÓRIA DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO ESTADO	
<i>José Antônio Dos Santos</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.60019230812</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>136</b>
MULHER E FEMINISMO: PERCEPÇÕES ATRAVÉS DO ROMANCE "A DEUSA DO RÁDIO" DE HELONEIDA STUDART	
<i>Ioneide Maria Piffano Brion de Souza</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.60019230813</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>145</b>
O PAI DOS POBRES: UM OLHAR SOBRE A ASCENÇÃO DO POPULISMO DE GETÚLIO VARGAS NO ESTADO NOVO	
<i>Adilson Tadeu Basquerote Silva</i>	
<i>Eduardo Pimentel Menezes</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.60019230814</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>155</b>
O TRATADO SECRETO ENTRE PERU E BOLÍVIA DE 1873 E AS RELAÇÕES COM A ARGENTINA, BRASIL E CHILE	
<i>Adelar Heinsfeld</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.60019230815</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>165</b>
O ÚLTIMO ADEUS: A SUBLIMAÇÃO DA DOR E O AMOR METAFÍSICO	
<i>Maristela Carneiro</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.60019230816</b>	

<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>180</b>
POLÍTICAS PENAIS NO PARANÁ – DO AVANÇO DO APRISIONAMENTO AO GERENCIAMENTO DA MASSA DE APENADOS	
<i>Rivail Carvalho Rolim</i>	
<i>Letícia Gonçalves Martins</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.60019230817</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>195</b>
PUERICULTURA E POLÍTICAS PÚBLICAS DE ASSISTÊNCIA À MATERNIDADE E À INFÂNCIA (1930-1945)	
<i>Helber Renato Feydit de Medeiros</i>	
<i>Maurício Barreto Alvarez Parada</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.60019230818</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>204</b>
QUEERMUSEU: INCLUSÃO E DIVERSIDADE SOB O OLHAR CONTEMPORÂNEO	
<i>Manoel Messias Rodrigues Lopes</i>	
<i>Suely Lima de Assis Pinto</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.60019230819</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>216</b>
RAÍZES HISTÓRICAS DA CONCENTRAÇÃO DE RIQUEZA EM SALVADOR, (1777-1808)	
<i>Augusto Fagundes da Silva dos Santos</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.60019230820</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>228</b>
RECOMPOSIÇÃO BURGUESA, AMPLIAÇÃO DO ESTADO E AS NOVAS SOCIABILIDADES DO CAPITAL: O INSTITUTO BRASILEIRO DE PETRÓLEO, GÁS E BIOCOMBUSTÍVEIS – IBP	
<i>Marcio Douglas Floriano</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.60019230821</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>236</b>
RELAÇÕES DE TRABALHO E CAUDILHISMO: AS BASES SOCIOECONÔMICAS DA GUERRA GAUCHA (ESPAÇO PLATINO, SÉCULO XIX)	
<i>Cesar Augusto Barcellos Guazzelli</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.60019230822</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>247</b>
RENATO SOEIRO NO SPHAN: SUA TRAJETÓRIA ATÉ A DIREÇÃO DA INSTITUIÇÃO	
<i>Carolina Martins Saporetti</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.60019230823</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>258</b>
REPRESENTAÇÕES DE GETÚLIO VARGAS NAS PÁGINAS DA REVISTA DO GLOBO ENTRE OS ANOS DE 1929 E 1937	
<i>Eduardo Barreto de Araújo</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.60019230824</b>	



<b>CAPÍTULO 25 .....</b>	<b>271</b>
VERDADE E FORMAÇÃO CRÍTICA: UMA ANÁLISE DOS SIMBOLOS DA ALEGORIA DA CAVERNA	
<i>Edson de Sousa Brito</i>	
<i>Camila de Souza Cardoso</i>	
<b>DO 10.22533/at.ed.60019230825I</b>	
<b>SOBRE AS ORGANIZADORAS.....</b>	<b>279</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO .....</b>	<b>280</b>

## MICRO-HISTÓRIA E NARRATIVA ORAL NO NORTE PARANAENSE

### **Marcia Regina de Oliveira Lupion**

(Universidade Estadual de Maringá – Programa de Pós-Graduação em História – Maringá - PR)

### **Lucio Tadeu Mota**

(Universidade Estadual de Maringá – Professor Associado III; Coordenador do Programa de Pós-Graduação em História da UEM – Maringá – Pr)

*Todas as Águas aqui tinham escola.  
Chegou uma época que aqui em  
Lobato tinha quinze mil habitantes.  
Então teve época que tinha escola  
em quase todas as Águas.  
Alice Cafofo, 1999.*

**RESUMO:** Discorrer sobre como o uso da abordagem micro-histórica e a construção de fontes orais possibilitou a escrita de uma narrativa histórica na qual as Águas, tanto em seu sentido geográfico quanto social, permitiram conhecer traços da consolidação do sistema capitalista na região norte paranaense.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lobato; Águas; Micro-história; Fontes Oraís.

### **MICRO-HISTORY AND ORAL NARRATIVE IN THE NORTHERN PARANÁ**

**ABSTRACT:** Discuss about how the use of the microhistorical approach and the construction of oral sources allowed the writing of a historical narrative in which the waters, in geographic

and social sense, allowed the knowledgement of capitalist system consolidation traces in Northern Paraná.

**KEYWORDS:** Lobato; Waters; Micro-history; Oral Sources.

### **1 | DE ACIDENTE GEOGRÁFICO A OBJETO DE PESQUISA – AS ÁGUAS DE LOBATO**

A citação que introduz este artigo é parte do depoimento da professora aposentada Alice Cafofo, moradora do município de Lobato, no Norte do Paraná, desde os primeiros anos de sua fundação. Ao citar as “Águas”, Alice nos transporta para um espaço que se revelou mais do que um acidente geográfico ou um padrão para demarcação de propriedades rurais. Para lobatenses como Alice, as Águas encerram um sentido social por significarem a vivência cotidiana de homens e mulheres que se deslocaram para o município em meados do século XX com o objetivo de lá viverem e prosperarem em meio ao estabelecimento efetivo do sistema capitalista na região.

As experiências cotidianas vividas pelos moradores das Águas e que resultaram numa dissertação de mestrado defendida em 2004, foram organizadas por meio de um exaustivo trabalho com as fontes, abordagem pertinente

a “microstoria” italiana e que se mostrou extremamente profícua para levantamentos de História Regional. A pesquisa revelou que na maior parte do tempo a vida das famílias de várias regiões do país e do mundo que se estabeleceram sobretudo nos primeiros vinte e cinco anos de Lobato foi marcada por um constante recomeçar, por uma série de tentativas que levava os moradores das Águas a viverem num eterno clima de insegurança e incerteza que os induzia a estarem sempre criando e recriando seu espaço social, emocional e econômico.

Este artigo se propõe discorrer sobre como, a partir dos pressupostos da abordagem da micro-história sobre as fontes, principalmente as orais, foi possível reconhecer no termo “Águas” um conceito mais amplo que congrega, para além sua característica geográfica, a possibilidade de inscrevê-lo como um espaço social e historicamente construído cuja relevância é dada sobretudo pelos memorialistas que participaram da pesquisa.

Para a construção da narrativa sobre a sociedade das “Águas” foi essencial o acesso irrestrito a documentos institucionais da Prefeitura, da Secretaria de Educação, da Igreja católica local e do Posto policial, assim como a documentos da CMNP, Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, empresa que comprou e negociou grande parte das terras do norte paranaense. Além de acervos pessoais dos moradores de Lobato como fotografias foi construído um acervo com quinze entrevistas coletadas entre os primeiros moradores do município. Vídeos e mapas, inclusive mapas por satélite, foram amplamente disponibilizados pela comunidade que viu na pesquisa a possibilidade de escrita de um livro sobre a história do município. Fato que foi levado a cabo em 2008 quando a prefeitura, por meio da Lei Rouanet, tornou isso possível quando transformou a dissertação de mestrado defendida em 2004 em um livro.

No contato com essa extensa documentação um fato chamou a atenção, a denominação *Águas* dada pelos moradores quando se referiam à zona rural e à vida social lá vivenciada. Era um termo por nós desconhecido e, ao inquirirmos os moradores fomos informados de que os rios e riachos existentes no município eram nominados *Águas*, e que cada *Água* representava mais do que um acidente geográfico e sim uma comunidade formada por seus moradores e as sociabilidades ali praticadas. Seguindo essa trama presente nas fontes no que tange às Águas, verificou-se a possibilidade de utilizar a abordagem microanalítica para reconstruir as vivências individuais e coletivas praticadas naqueles espaços considerando o que conceitua o antropólogo Alban Bensa sobre o uso da micro-história e sua relação com o contexto:

A análise, de início desenvolvida no nível da situação mais singularizada no tempo e no espaço, solicita a seguir quadros explicativos menos diretamente extraídos do acontecimento; esses quadros são apreendidos como patamares sucessivos que contêm e trabalham as realidades infinitas. A micro-história não rejeita, portanto, a história geral, mas introduz a ela, tomando o cuidado de distinguir os níveis de

interpretação: o da situação vivida pelos atores, o das imagens e símbolos que eles acionam, conscientemente ou não, para se explicar e se justificar, o das contradições históricas da existência dessas pessoas na época em que seus discursos e seus comportamentos foram observados (BENSA, 1998. p. 45).

O número expressivo de fontes e a abordagem microanalítica revelaram que em conjunto com as sociabilidades praticadas pelos moradores e frequentadores da zona rural, a construção de espaços coletivos como vendas, capelas, açougues, escolas e campos de futebol demonstrava uma vivência e organização social existente em núcleos formados nas Águas e grandes fazendas de Lobato. Vivência essa que ao se desenvolver trouxe consigo não somente a implantação do sistema capitalista baseado na pequena propriedade na região Norte do Estado do Paraná, mas também uma cultura diversa devido à diversidade de proprietários e trabalhadores que para lá se deslocaram esperançosas de uma vida justa e digna para si e seus familiares, mas, cuja realidade mostrou-se extremamente difícil para alguns dos moradores como veremos mais à frente.

## 2 | A FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE LOBATO-PR

Lobato foi fundado pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP) em 1948 sob a égide da produção cafeeira na região e, assim como a maioria dos municípios fundada pela CMNP, seguiu o plano urbanístico daquela empresa para demarcar as propriedades rurais e o espaço urbano municipal. Nesse plano a empresa utilizava as aguadas, ou riachos e os espigões como limites para proceder à demarcação das propriedades rurais como pode ser comprovado pela figura 1 abaixo:



FIGURA 1 - Recorte de lotes rurais pela CMNP a partir de um espigão e de uma aguada.

FONTE: CMNP, 1975, p. 122.

Assim a CMNP descreve a forma como demarcava e nomeava o espaço

destinado a zona rural nos municípios por ela fundados para depois negociá-lo:

A zona rural foi colonizada pela Companhia dividida em pequenos lotes, de área variável, demarcados de tal maneira a incluírem todos eles uma parte de baixada e uma de espigões. Contam, ainda, com água corrente e acesso por estrada de rodagem. [...] O batismo das águas encontradas ficava a cargo do Departamento de Topografia, que para a escolha dos nomes aproveitou o dicionário guarani, a relação de acidentes geográficos dos países de onde vinham os imigrantes (Espanha, Portugal, Itália), bem como os nomes de santos, de marcas de cigarro, de quadros de futebol, ou mesmo de namoradas e esposas dos agrimensores. Somente os nomes dos rios e ribeirões constantes das escrituras primitivas não foram alterados (CMNP, 1977. p. 125).

Não se pode, contudo, dizer que a ideia de demarcar propriedades tendo as aguadas como limite tenha sido originalmente criada pela CMNP. Ruy Christovam Wachowicz, ao discorrer sobre o povoamento dos vales do Itararé e o rio das Cinzas, traz uma importante discussão sobre como as águas existentes nesses vales serviram de limite para a demarcação de posses de propriedades entre os tropeiros mineiros e proprietários de terra em meados do século XIX no norte paranaense.

Os mineiros do Norte Pioneiro não faziam posse em qualquer lugar. Para eles uma posse deveria equivaler a uma **água**. Quem fazia a posse, procurava a cabeceira de um riacho. Instalado na cabeceira **é dono da água e do terreno que a acompanha até o fim**. Esta posse ou **água** terminava quando este riacho desaguava num rio maior (WACHOWICZ, 1987. p. 81, grifo do autor).

Wachowicz estende ainda mais essa discussão introduzindo o sentido de limite de posse – enquanto propriedade particular – às águas. No caso do povoamento do Valuto, região entre os Rios Itararé e das Cinzas, ocorrido de forma sistemática principalmente em fins da primeira metade do século XIX, quando foram efetuadas as primeiras incursões em terra paranaenses com o objetivo de tomar posse desses territórios considerados devolutos ou que outrora fizeram parte do sistema de sesmarias. Devido à dificuldade de medir o tamanho da posse, “os **possiantes** combinavam: **aqui é meu, ali é de fulano**” (WACHOWICZ, 1987. p. 81, grifo do autor) e as águas, ou rios, eram o meio natural utilizado para estabelecer então onde começava e onde terminava os direitos de uma posse.

Ou seja, o sentido de posse de uma propriedade a partir das águas não é originalmente uma ideia desenvolvida pela CMNP. Em outros momentos, o uso das aguadas para delimitar uma propriedade e a posse da mesma já vinha sendo utilizado por outros empreendedores menos organizados, como foi o caso dos tropeiros mineiros e proprietários de terras que se estabeleceram no Norte do Paraná. O que diferencia a forma de posse empreendida pelos tropeiros e proprietários do final do século XIX no Norte do Paraná e a CMNP, é que a segunda negociava a posse dos lotes sob pagamento imediato ou parcelado. Já no século XIX, os possiantes, ou seja, aqueles que se apossavam de uma determinada área considerada devoluta,

se tornavam proprietários de grandes extensões de terra diretamente no trato com a região em que haviam decidido se estabelecer.

Em alguns casos, as áreas eram ocupadas por populações indígenas que delas eram expulsas pelos possiantes por não serem consideradas proprietárias das terras em que viviam. Geralmente, eram áreas conhecidas como territórios devolutos, isto é, locais em que se queria fazer crer como desabitados e cobertos por extensa mata virgem. Outra diferença é que enquanto no Norte Velho uma aguada delimitava uma posse desde a nascente até o encontro com outra aguada, no caso da CMNP, a aguada era dividida em várias propriedades entre cinco e quinze alqueires. Ou seja, servia de limite para várias posses e, em termos sociais, possibilitava um contato mais flexível entre seus moradores.

Fato constatado quando em trabalho de campo verificou-se a existência de residências construídas num raio entre vinte e duzentos metros de distância dos riachos. Distância que facilitaria a construção de poços e o uso utilitário da água corrente. Ou ainda, construções coletivas, como escolas, vendas, campos de futebol e capelinhas, que se localizavam na parte alta do espigão e contavam ainda com um poço e instalações sanitárias para suprir as necessidades daqueles que frequentavam esses locais.

De volta à questão da posse enquanto direito de propriedade sobre a terra, Wachowicz lembra que desde a Independência até 1850 as propriedades eram adquiridas através da compra de terras tituladas que outrora haviam sido sesmarias ou pela formação de posses a partir de terras devolutas. No início da década de 40 no século XIX então, estiveram em discussão nos meios governamentais, pautas sobre o sistema fundiário brasileiro, fato que teria levado tropeiros mineiros e proprietários a iniciarem a tomada de posses nos vales do Itararé e do rio das Cinzas, divisa entre Paraná e São Paulo, região por eles conhecida pelo trabalho desenvolvido com os animais trazidos do extremo sul do país por serem essas áreas consideradas, como já foi dito, terras devolutas e portanto, passíveis de serem adquiridas através do direito de posse e não da compra (WACHOWCZ, 1980, p. 80).

Então, os tropeiros passam a se estabelecer na região que ficou conhecida como Norte Velho antes que as discussões sobre o sistema fundiário brasileiro titulassem as terras chamadas devolutas e dessa forma somente através da compra é que se alcançaria a posse de determinado pedaço de terra. Prática que foi diferenciado com o passar dos anos e, já em 1848 Wachowicz (1987, p. 80) registra possiantes negociando suas terras em termos monetários com prováveis interessados antes mesmo da lei de 1850.

Quase cem anos depois, os compradores de lotes em Lobato já estavam inseridos em leis capitalistas de propriedade fundiária, e, foi somente através da compra que puderam adquirir suas propriedades. Todo um processo intermediado pela CMNP, empresa que adquiriu 546.780 alqueires –1.321.499ha/13.166Km<sup>2</sup> - de terras no Norte paranaense (LUZ, 1980. p. 125) e que projetou o município de Lobato.

Ou seja, o uso de aguadas como limites geográficos para a demarcação de uma posse é uma prática que acompanha o sistema fundiário brasileiro desde meados do século XIX e cuja continuidade foi dada pela CMNP.

No mapa da CMNP, datado de onze de agosto de 1956, no qual consta a divisão dos lotes rurais e do perímetro urbano de Lobato, foram registradas pelos topógrafos vinte e uma aguadas de tamanhos diferentes dentro dos limites da Companhia, incluindo entre elas as vertentes do rio Pirapó. Do total das aguadas registradas no mapa nem todas se tornaram base para o recorte de propriedades, e, pelo mapa, verificou-se que a CMNP utilizou os córregos de maior porte como base para os loteamentos. Nesse mapa da CMNP não se encontra a designação Águas como referência aos rios existentes e sim as terminologias *ribeirão* ou *córregos* (CMNP, 1956).

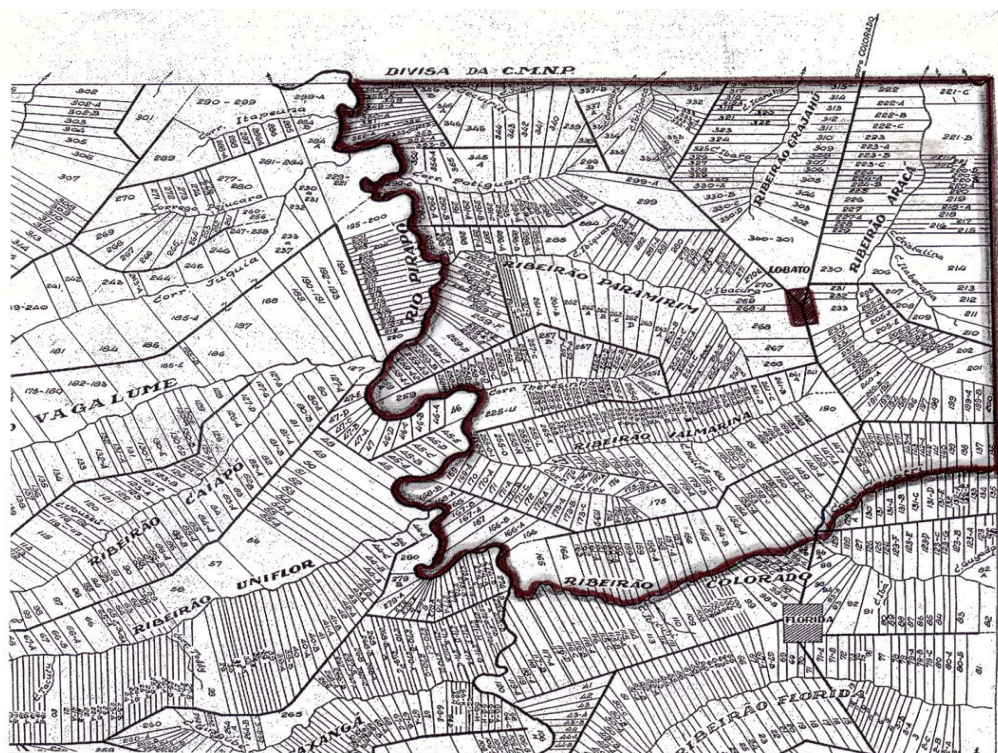


FIGURA 2 – CIA Melhoramentos Norte do Paraná. Planta Parcial N° VI

FONTE: CMNP, 1956.

Em mapas com datações posteriores, é possível verificar diferenças em relação ao mapa da CMNP de 1956 como é o caso do mapa rodoviário elaborado pelo governo do Estado do Paraná em dezembro de 1981 onde somente algumas aguadas são nomeadas e são desconhecidos os critérios seguidos para tal elaboração. Todavia, como se trata de um mapa rodoviário, infere-se que não havia importância em detalhar exaustivamente as divisões internas relativas à hidrografia municipal. Em todo caso, como é um mapa em que se pode visualizar todo o município, foi possível localizar outras aguadas e propriedades existentes no território que não estão contempladas

no mapa da CMNP de 1956 por se encontrarem fora dos domínios daquela empresa privada. As contribuições do mapa de 1981 foram: o acréscimo de mais doze aguadas além das citadas pelo mapa da Companhia; a mudança no nome de um dos córregos; o não detalhamento dos córregos afluentes das aguadas; a existência de quatro fazendas que juntas ocupavam todo o extremo Norte do município, sendo elas, em tamanho decrescente: Fazenda da Barra, Fazenda Remanso, Três Marias e Nossa Senhora do Rosário, todas negociadas pelo Estado (PARANÁ, 1981).

Um depoimento viria detalhar ainda mais a questão relativa a essas quatro fazendas. Segundo o senhor Manoel Batista de Freitas, que chegou em Lobato em 1950 e trabalhou como empreiteiro na maior parte dessas fazendas, antes de terem sido divididas em quatro partes, essas fazendas constituíam, no início da ocupação, uma só fazenda que era denominada fazenda Remanso. Seu Manoel inicia assim suas lembranças sobre a Fazenda Remanso:

Eu cortei muita madeira lá. Eram quatro donos. Que era uma sociedade, o chefe mesmo era o Antonio Ferraz. Era o Antonio, tinha o Celso, tinha o “lo” e tinha o outro que eu não estou lembrado o nome dele. Sei que hoje é a fazenda Três Marias que aí cortaram. Era uma fazenda só de 4700 alqueires; quando começou aquele negócio do INCRA, eles foram e cortaram a fazenda em quatro partes. Ficou uma parte para seu Celso que é a Remanso antiga, e a Da Barra, que é aquela que beira o rio e chega lá na ponte. Aí ficou a fazenda da Barra para o Antonio Ferraz, a Remanso para o seu Celso, as Três Marias ficaram com a três irmãs que eles tinham, e a outra que eu esqueço o nome, a Rosário ficou com o “lo”.

Também foi possível encontrar referências visuais sobre as Águas no relatório elaborado pela Secretaria de Estado do Desenvolvimento Urbano-SEDU (PARANÁ, 1996) sobre o uso e ocupação do solo urbano em Lobato no ano de 1996 cujo objetivo foi promover um levantamento sobre a forma como estava sendo utilizado o solo urbano municipal e também, executar ações específicas sobre a realidade existente de acordo com o dispositivo governamental que propõe que, cidades com número inferior a vinte mil habitantes, devem receber assistência de órgãos estaduais para elaboração de normas que garantam a função social do solo urbano. No citado relatório, encontram-se mapas que ilustram a situação do município para o ano de 1996 em relação ao sistema de esgoto sanitário e o abastecimento de água.

De forma particular, chamou a atenção um outro mapa relativo ao sistema viário do município datado de 1980 produzido pelo governo do Paraná em 1980, por apresentar as aguadas em suas duas formas de denominação, ou seja, como Córregos e como Águas e no qual foi possível verificar a localização de duas aguadas ainda não especificadas nos documentos anteriores e também introduziu um novo elemento não observado em outras fontes: o nome das estradas formadas a partir dos espigões e que levam, em alguns casos, o próprio nome da aguada (PARANÁ, 1980).

Vários detalhes técnicos sobre as Águas de Lobato foram surgindo através principalmente do trabalho de campo desenvolvido no município e da documentação



cartográfica acima analisada. Nessa documentação a quantidade de aguadas se transforma de acordo com uso para o qual foi confeccionado o mapa, ao todo, porém, a soma de aguadas em Lobato foi de trinta e quatro, sendo que quinze desse total não estão nomeadas nos mapas e ao menos foram lembradas nos depoimentos ou em outros documentos utilizados para a pesquisa. Em sua maioria, essas quinze aguadas se localizam dentro de grandes propriedades, quase sempre fazendas, e não desenvolveram vida social cuja base espacial tenha sido construída a partir da própria aguada. Fato decisivo para a pesquisa por demonstrar que o que valorizava uma Água não era seu aspecto geográfico, e sim, a vida social ali desenvolvida.

### **3 | ESPAÇO FÍSICO E SOCIABILIDADES COMO SUPORTES DA CONSTRUÇÃO DA SOCIEDADE LOBATENSE NO NORTE DO PARANÁ**

O levantamento minucioso dos aspectos geográficos das Águas de Lobato ilustrou e introduziu a questão da constituição espacial lá ocorrida. Numa escala mais ampla, essa ação transformadora empreendida por sujeitos plurais – homens e mulheres, com ou sem posses materiais, trabalhadores esporádicos, profissionais autônomos, grandes e pequenos lavradores e lavradoras, empresas colonizadoras, governo, especuladores imobiliários, madeireiras, comerciantes, transportadoras - nas Águas de Lobato, simboliza as formas como se deu o processo de constituição de uma sociedade no Norte do Paraná a partir sobretudo dos anos 50 do século XX.

Daí o fato de considerar a organização socioespacial empreendida pelos moradores das Águas como uma categoria social. Historicamente situadas no tempo e no espaço, a ação transformadora desempenhada por aqueles que migraram para Lobato foi o que sustentou o redimensionamento de um conceito geográfico para um conceito histórico-social amparado sobretudo pelo uso popular que os moradores consagraram para o termo. Pois, foram os moradores que, em conversas informais discorreram sobre a vida que existiu nas Águas e sobre a importância das escolinhas, vendas, capelas e campos de futebol para o convívio social naqueles espaços. Para eles, as Águas são consideradas não só como limite de propriedades ou como parte da geografia da zona rural, mas também, como o conjunto de atividades sociais coletivas na qual a vida humana se desenvolvia plenamente.

Resulta, portanto, que o significado da palavra *Águas* está ligado essencialmente ao aspecto social que a memória lobatense remete ao termo. Socio-historicamente o termo Águas encerra o sentido de “uma vizinhança”, um espaço social em cujo interior teria vivido uma sociedade em constante transformação e construção desse próprio espaço, um momento histórico recordado sobretudo pela quantidade de pessoas, famílias em sua maioria, que tentaram se estabelecer na emergente sociedade das Águas. Assim, como em princípio o termo Águas remetia a acidente geográfico e, para os fins da pesquisa ele sustentou uma característica social eminente, a condensação

de ambos os significados – geográfico, histórico e social – para o termo, se pautou principalmente sobre o caráter social que o uso da palavra Águas representa para na tradição popular dos moradores.

Foi, pois, com vistas a um conceito plural que as “Águas” de Lobato se transformaram em objeto de especulação histórica e, para transformá-lo num conceito histórico-social, cujo significado correspondesse à diversidade de ordenações socioespaciais que os seres humanos são capazes de empreender no contato com o ambiente, considerou-se com base no trabalho de Janaína Amado (1990, p. 8), que toda organização espacial empreendida pelos seres humanos sempre se constitui numa categoria social e que são os viventes daqueles espaços que, em contato com o meio que os cerca, seja ele natural ou social, transformam e são transformados de acordo com interesses e significados que só podem, e devem ser compreendidos, dentro da perspectiva temporal e espacial em que a organização se deu. Dessa forma, a ampliação do conceito Águas para uma categoria social, e histórica porque iniciada no fim dos anos de 1940 ela foi desaparecendo a partir de meados de 1970, não foi somente uma construção acadêmica e sim, a utilização de uma denominação que se encontra inscrita na prática humana que busca, nos acidentes geográficos, espaços para a reprodução da vida humana e social.

Foi assim, contemplando no horizonte de pesquisa histórica as Águas de Lobato como uma categoria social, e portanto, composta por diversos níveis, que o desempenho dos moradores em constituir no perímetro agrícola – espaço geográfico - um conjunto de espaços sociais coletivos composto por escolas, capelas, vendas, campos de futebol e, num nível mais pessoal, as próprias relações travadas entre familiares, homens, mulheres, crianças, - demonstrou a importância dessas organizações, baseadas em práticas sociais oriundas da cultura trazida pelos migrantes e imigrantes, para a efetivação do desenvolvimento capitalista do Norte do Paraná a partir da década de 50 do século XX.

## REFERÊNCIAS

AMADO, Janaína. História e Região: reconhecendo e construindo espaços. In: SILVA, Marcos A. da. **República em migalhas**: história regional e local. São Paulo: Marco Zero/CNPq. 1990.

BENSA, Alban. Da micro-história a uma antropologia crítica. In: REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de Escalas**: a experiência da microanálise. R.J.: FGV, 1998.

ALICE Cafofo: depoimento [nov. 2000]. Entrevistadores: Profs. Andreas Leonardus Doeswijk, Lucio Tadeu Mota e Marcia Regina de Oliveira Lupion. Lobato, 2000. 1 fita cassete (60 min).

COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ, **Colonização e desenvolvimento do Norte do Paraná**. 2. ed. São Paulo: Ave Maria, 1977. p. 125.

COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ. Planta Parcial n. VI, [S.l.], 1956, 1 mapa, p & b; 60 x 60 cm. Escala 1:80:000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Minidicionário da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

DOESWIJK, Andreas Leonardus; LUPION, Marcia Regina de Oliveira; GARCIA, Marcia Rodrigues. Nas Águas de Lobato: uma micro-história construída a partir da fala de seus moradores. Maringá: Eduem, 2008.

LUZ, France. O fenômeno urbano numa zona pioneira: Maringá. 1980. Dissertação (Mestrado em História Social). Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1980.

MANOEL Batista de Freitas: depoimento [set. 2001]. Entrevistador: Profs. Andreas Leonardus Doeswijk. Lobato, 2001. 1 fita cassete (60 min).

PARANÁ. Secretaria de Estado do Desenvolvimento Urbano-SEDU. Instituto de Assistência aos Municípios do Estado do Paraná – FAMEPAR. Programa Estadual de Desenvolvimento Urbano – PEDU. Plano de uso e ocupação do solo urbano: município de Lobato. Lobato, 1996.

PARANA. Secretaria dos Transportes. Município de Lobato: Mapa Rodoviário. Lobato, [S.l.]: SETR, 1981. 1 mapa, color. 55cm x 55cm. Escala 1:50.000 no original.

PARANÁ. Secretaria dos Transportes. Município de Lobato: Sistema Viário. [S. l.]: [S. d.], 1980. 1 mapa, color. 19cm x 21cm. Escala de Referência 1:50.000.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LOBATO. Histórico. Disponível em: < <http://www.lobato.pr.gov.br/conteudo/ver/id/2238/titulo/historico>>. Acesso em: jan. 2018.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. Povoamento do 'valuto' do Itararé ao Cinzas. In: \_\_\_\_\_. **Norte Velho, Norte Pioneiro**. Curitiba: (s. n.), 1987.

## **SOBRE AS ORGANIZADORAS**

**Denise Pereira** - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

**Maristela Carneiro** - Pós-Doutoranda pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – Unicentro. Doutorado e Pós-Doutorado em História pela UFG e pela UFMT, respectivamente. Docente do curso de História na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Alegoria da caverna 272

### C

Colonização 122, 226

### E

Ensino de história 26

### F

Feminismo 136

Filosofia 12, 94, 95, 98, 123, 235, 271, 278

### H

História intelectual 91, 102

Historiografia 40, 41, 43, 44, 45, 53, 54, 55, 66, 88, 89

### I

Igreja católica 115

### L

Literatura 96, 99, 104, 112, 136, 137, 138, 144

### M

Maias 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113

Meio ambiente 1, 12

Memória 6, 10, 13, 14, 18, 20, 34, 39, 56, 66, 67, 76, 88, 89, 102, 178, 245, 256

Micro-história 114

### P

Política 15, 24, 68, 69, 70, 75, 102, 136, 150, 158, 164, 235, 258

Populismo 145, 154

### R

Relações de trabalho 8, 236

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-560-0

